

Em torno da crítica literária em jornal: sobre Lima Barreto e José Veríssimo¹

Around literary criticism in newspaper: Lima Barreto and José Veríssimo

RACHEL BERTOL^a

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação. Rio de Janeiro – RJ, Brasil

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação do crítico literário José Veríssimo (1857-1916) com o escritor Lima Barreto (1881-1922). Toma-se como ponto de partida o circuito que se estabelece em torno dos dois autores a partir da imprensa jornalística. Não se trata apenas de observar a confluência de ideias, mas o circuito comunicacional no qual se inserem, tomando a crítica como instância relacionada ao jornalismo. Fontes primárias contribuem na composição de *instantâneos* e permitem rever a proposição de Sevckenko de que Veríssimo foi um “mestre tutelar” de Lima. Matizada, essa proposição confirma-se apenas parcialmente, especialmente no que se refere à crítica social.

Palavras-chave: José Veríssimo, Lima Barreto, crítica literária em jornal, circuitos comunicacionais, história do jornalismo

ABSTRACT

This study aims to analyze the relationship between the literary critic José Veríssimo (1857-1916) and the writer Lima Barreto (1881-1922). The starting point is the circuit established around them in the press. The study goes beyond the convergence of ideas to address the communication circuit to which they belong, considering criticism in its relation to journalism. Primary sources contribute to composing *snapshots* and enable a review of Sevckenko's proposition that Veríssimo was a “tutelary master” to Lima. The proposition is only partially confirmed, especially with regard to public stance on social criticism.

Keywords: José Veríssimo, Lima Barreto, literary criticism in newspaper, communication circuit, history of journalism

¹ Este artigo toma como base o trabalho apresentado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN) no encerramento do período de bolsa do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP). Professora assistente de Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (UFF). A pesquisa sobre Veríssimo integra meu doutorado defendido em 2016 na UFRJ (*A crítica literária em circuitos jornalísticos: José Veríssimo na imprensa da 'belle époque' carioca*).

^a Pesquisadora do grupo Imprensa e Circulação de Ideias: o papel dos periódicos nos séculos XIX e XX, da Fundação Casa de Rui Barbosa e integrante do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação (Nepcom), da UFRJ atuando no projeto Memória do Jornalismo Brasileiro. Foi pesquisadora da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), em 2015-2016. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-8411-4002>. E-mail: rachelbertol@gmail.com

UM CIRCUITO COMUNICACIONAL

D OIS ELEMENTOS PRINCIPAIS conformam o *circuito comunicacional* que aqui se põe em movimento: a materialidade da comunicação e as ideias. São indissociáveis. No primeiro elemento citado, o da materialidade, tem-se o circuito editorial que inclui as condições de circulação dos impressos, como jornais e livros. No segundo, as ideias que jornalistas, críticos e escritores faziam reverberar na imprensa na medida das condições de que dispunham.

O artigo tem como objetivo apresentar e analisar elementos da relação do crítico literário José Veríssimo (1857-1916), que possui intensa atividade na imprensa² do início do século XX, com o escritor Lima Barreto (1881-1922). Sem levar em conta as condições de atuação de ambos – e não apenas suas ideias – não é possível compreender plenamente seus encontros e desencontros. Parte-se da proposição de Sevcenko (2003), de que Veríssimo teria sido “mestre tutelar” de Lima e seu incansável incentivador. Junto com Lima e Euclides da Cunha, de quem também teria sido “mestre tutelar”, Veríssimo formaria, ainda segundo Sevcenko, um “triângulo indissociável” ou um “prisma” indelével para se observar a vida cultural no período. Ou seja, são indícios de uma atuação contundente.

Além disso, inspiram os trabalhos escritos que acusam Veríssimo de silêncio e incompreensão diante da obra de Lima Barreto. Para compreender sua posição, no entanto, deve-se observar a relação que mantinha com a imprensa, sobre a qual ainda há poucas análises, no que se refere a esses dois autores, que dão atenção para as condições dos meios em que os textos circulavam. Por exemplo, nem sempre se leva em conta – e isso pode influenciar nas conclusões realizadas, segundo o objetivo da pesquisa – a linha editorial de jornais onde Veríssimo e Lima publicaram seus textos e/ou sua relação com as publicações.

Por outro lado, trata-se de reconhecer a crítica literária, especialmente a partir do caso de Veríssimo, como instância da linguagem jornalística que desempenhava papel central na imprensa na virada dos séculos XIX para o XX. Ou seja, reconhece-se a crítica como *prática* jornalística que contribuía para a afirmação dos veículos diante do público³.

O fato de a crítica literária em jornal não costumar ser associada à prática jornalística corresponderia, de certa maneira, à instituição de parâmetros de objetividade no jornalismo ao longo do século XX. Esses parâmetros se sobrepuseram a formas de articulação textual que não correspondiam às suas normas. Assim, o tema da crítica, que pode ser associado àquele da opinião no jornalismo⁴, ainda é pouco explorado na Comunicação. As pesquisas sobre o desenvolvimento da reportagem e do repórter predominam nos estudos históricos da área, por exemplo; não que a crítica seja ignorada, mas não costuma ser tema requisitado em sua especificidade e surge em contextos mais gerais

² Acervos de periódicos consultados: *Floreal*, *Jornal do Commercio*, *Correio da Manhã*, *O Imparcial* na na Fundação Biblioteca Nacional e manuscritos na Academia Brasileira de Letras e Oliveira Lima Library (Universidade Católica da América, Washington, D.C.).

³ Pode-se dizer isso também para o *artigo de fundo*, sendo a crítica de certa maneira correlata a este, apesar de distintos. Os articulistas buscam trunfos dos jornais para conquistar credibilidade.

⁴ O estudo de Melo (1994) é um dos poucos a considerar a opinião como um gênero do jornalismo brasileiro. O teórico busca analisar as condições do exercício da opinião na imprensa brasileira ao longo do século XX e conclui que não havia abertura à pluralidade de ideias.

de análise. Todavia, se a crítica era das práticas mais prestigiadas na cultura jornalística do século XIX, numa época de centralidade da literatura, corre-se um duplo risco ao se abrir mão desse tema no âmbito comunicacional (ele costuma ser muito estudado na área de Letras). Um desses riscos é o de deixar de compreender de maneira mais abrangente a dinâmica dos jornais e, ainda, o de deixar pela metade a compreensão da crítica, quando ela não é analisada nas múltiplas tensões envolvidas no processo de publicação.

Atualmente, as transformações da cultura midiática, com novas formas de circulação da informação nos ambientes digitais, ampliam o espectro de interesses do jornalismo, seja na prática cotidiana, seja na academia (a opinião, por exemplo, retorna com força ao debate). Assim, não apenas o presente se modifica, mas o presente modifica o passado. Neste trabalho, a crítica literária surge relacionada à dinâmica das demandas dos jornais.

Darnton (2010) fornece a chave inicial, em termos metodológicos, ao sugerir a história dos processos comunicacionais, relacionando as diferentes etapas de produção editorial entre si aos contextos sociais, políticos e culturais. Mas, a fim de compor o “circuito comunicacional”, também se admite uma influência da sugestão de Kittler (1990) para a “rede discursiva” (ou *discourse network*, na tradução americana de *Aufschreibesysteme*, do original em alemão, cuja tradução literal poderia ser “sistema de notação”⁵).

O trabalho clássico do teórico alemão das mídias evidencia as condições do surgimento da crítica literária no século XIX no romantismo alemão, no período que chama de “rede discursiva 1800”, em comparação com seu declínio já no fim do século XIX, na “rede 1900”. Sobretudo quer-se tomar aqui, embora não ao pé da letra⁶, a ideia de *instantâneos* como método para a composição da rede discursiva. O “instantâneo”, em Kittler, não quer ser uma estrita história intelectual (embora também o seja), ao levar em conta a *materialidade* da comunicação. Essa materialidade não é apenas suporte, mas comporta as instituições, como o jornal ou as instituições de ensino, que condicionam as relações. O *instantâneo* fornece uma chave para acionar a forma de escrita aqui escolhida. Cruzando-se artigos de jornal, diário (caso de Lima Barreto), cartas (inéditas de Veríssimo), a pesquisa voltou-se para fontes primárias e busca contribuir para a compreensão do circuito relacionado não apenas a Lima e a Veríssimo, mas também à geração da qual faziam parte.

A análise da ideia de “mestre tutelar”, sustentada por Sevckenko sobre a relação de Veríssimo com Lima Barreto, levará em conta, também, o espaço urbano em que se moviam no Rio de Janeiro da *Belle Époque* tropical, sendo a cidade também uma materialidade no circuito comunicacional. Sevckenko não fala apenas de troca de ideias, mas de uma rede convivência, “triângulo”

⁵ Para uma explicação mais detalhada a respeito, conferir Muller e Felinto (2008).

⁶ A obra de Kittler é complexa, polêmica e possui inúmeras ramificações, com diferentes herdeiros teóricos. Segundo Winthrop-Young, um de seus principais comentaristas, o autor possui herdeiros “esquerdistas” e “direitistas”. Os primeiros trabalham suas proposições de maneira mais aberta (com aportes de diferentes áreas de conhecimento), enquanto os segundos buscariam subordinar todo elemento humano às culturas técnicas dos tempos fechados e dos circuitos tecnológicos (apud Parikka, 2015: 187). O atual artigo, portanto, situa-se no primeiro grupo. Kittler oferece elementos para se compreender as condições que propiciaram um tipo de articulação textual tal como o da crítica literária (e o que chama de crítica hermenêutica) no âmbito de sistemas pedagógicos, políticos, literários, filosóficos e no mercado editorial. O original alemão de *Discourse Networks* é de 1985.

⁷ A *Revista Brasileira* foi a principal publicação da intelectualidade no fim do século, espaço cobiçado pelos autores, tendo criado um círculo de convivência que propiciou a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897. O papel de Veríssimo nesse circuito cultural foi central. Lima Barreto foi assíduo leitor da *Revista Brasileira*, apesar de um adolescente na época em que ela foi editada. Na quinta prateleira de sua “limana”, a biblioteca que mantinha em sua casa de Todos os Santos, está listado “*Revista Brasileira* (J. Veríssimo). 16 vols. Encadernado” (Barbosa, 2012: 383). No seu *Diário íntimo*, há duas referências à publicação.

Uma delas, sem data, recomenda a leitura da *Revista Brasileira* para a se saber mais sobre as descobertas do naturalista Peter Lund (2011: 12). Em outro trecho, também sem data, dizia ter 14 anos quando começou a lê-la: “Oh! A ciência! Eu era menino, tinha aquela idade, andava ao meio dos preparatórios, quando li, na *Revista Brasileira*, os seus esconjuros, os seus anátemas... Falavam as autorizadas penas do senhor Domício da Gama e Oliveira Lima...” (Ibid.: 48). Assim, como editor da *Floreal*, ser notado pelo editor da *Revista Brasileira*, certamente não era pouca coisa para Lima.

⁸ No trecho em que comenta seu destaque, ele diz: “Escrevi quase todo o Gonzaga de Sá, entrei para o *Fon-Fon*, com sucesso, fiz a *Floreal* e tive elogio do José Veríssimo, nas colunas de um dos *Jornal do Commercio* do mês passado. Já começo a ser notado”. Deve-se destacar, assim, a popular *Fon-Fon*, revista ilustrada criada em 1907, como importante para sua projeção, além de sua própria revista.

ou “prisma”, que os autores formavam (junto com Euclides da Cunha). Em sua perspectiva, mescla-se a análise de ideias com a de aspectos biográficos. Com o *instantâneo*, quer-se captar um retrato dinâmico, para rever sua proposição a partir das ligações mantidas no *circuito comunicacional*.

O ENCONTRO

Em seu *Diário íntimo* (2011), em 5 de janeiro de 1908, Lima Barreto conta um encontro com José Veríssimo realizado poucos dias antes, no fim do ano anterior. O crítico literário, cujas opiniões na imprensa eram cobiçadíssimas pelos escritores brasileiros, havia escrito uma breve nota sobre ele no *Jornal do Commercio*. Ex-diretor da *Revista Brasileira*, em sua fase de 1895 a 1899, Veríssimo era também um bom conhecedor de revistas literárias⁷. Na época, Lima ainda não havia lançado romance algum:

Ai de mim, se fosse a revistar aqui quanta revistinha por aí aparece com presunção de literária, artística e científica. Não teria mãos a medir e descontentaria a quase todos; pois a máxima parte delas me parecem sem o menor valor, por qualquer lado que as encaremos. Abro uma justa exceção, que não desejo fique como precedente, para uma magra brochurazinha que com o nome esperançoso de *Floreal* veio ultimamente a público, e onde li um artigo “Spencerismo e Anarquia”, do Senhor M[anuel] Ribeiro de Almeida, e o começo de uma novela *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, pelo Senhor Lima Barreto, nos quais creio descobrir alguma coisa. E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão. (Veríssimo, José. *Jornal do Commercio*, 09.07.1907)

“Já começo a ser notado”, escreveu Lima, cujo nome aparece com destaque na primeira página da *Floreal*, indicado como diretor⁸. A publicação fora criada por Lima Barreto e seus amigos e teve apenas quatro números. Em decorrência da nota no importante jornal, ele e o amigo Manuel Ribeiro foram se encontrar com o crítico pouco antes do Natal. “Recebeu-nos afetuosamente”. Enquanto o amigo falou “doidamente, difusamente”, Lima ficou calado quase todo o tempo, dando uma ou outra opinião. Veríssimo lhes deu conselhos, leu para eles Flaubert e Renan. Conversaram sobre sinceridade na literatura brasileira, que para o crítico seria “cerebral, artificial”. Lima parecia concordar: “Sempre achei condição para obra superior a mais cega e mais absoluta sinceridade” (Barreto, 2011: 54).

A glória dos segundos românticos (Castro Alves, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu), disse-lhes Veríssimo, “tinha-se incorporado à sorte da nação, porque eles tinham sido sobretudo sinceros”. O autor se preocupava

com a “comunicabilidade” da literatura⁹ e, como pedagogo, trabalhava pela formação de uma opinião pública crítica no país; a “sinceridade” na literatura seria uma maneira de aplicar a comunicabilidade. Foi motivo para o escritor pensar sobre si próprio: “[eu] me acredito sincero. Sê-lo-ei? Às vezes, penso ser; noutras vezes, não. Eu me amo muito; pelo amor em que me tenho, com certeza amarei os outros”¹⁰.

Quando lançou *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, em 1909, não foi difícil aos contemporâneos encontrarem a *chave* (sincera) do *Correio da Manhã*. A imprensa quase nada comentou. Medeiros e Albuquerque escreveu uma crítica pouco simpática a respeito em *A Notícia*, no qual assinava com o pseudônimo J. Santos: “Mau romance porque é da arte inferior dos *romans à clef*. Mau panfleto, porque não tem a coragem do ataque direto” (apud Barbosa, 2012: 197). O amigo Alcides Maia, que incentivara Lima a concluir a obra, o surpreendeu negativamente ao fazer duras ressalvas no *Diário de Notícias*. A ideia de retratar Caminha como um contínuo de jornal teria sido dele. Entretanto, Maia condenou o personalismo com que, na sua opinião, Lima Barreto tingiu os personagens. O livro não passava de um “álbum de fotografias”, “verdadeira crônica íntima de vingança, diário atormentado de reminiscências más, de surpresas, de ódios” (apud Barbosa, 2012: 197).

José Veríssimo, por sua vez, não ficou indiferente à obra cujos trechos iniciais já havia elogiado publicamente. O crítico resolveu escrever uma carta a Lima Barreto, sem deixar de tecer ressalvas, especialmente ao que considerou o seu “excessivo personalismo”, mesma tecla batida pelos demais críticos¹¹. Em sua opinião, se Lima agradava à “malícia dos contemporâneos que põem um nome sobre cada pseudônimo”, por outro lado a “fotografia literária da vida” poderia tornar o livro “efêmero e ocasional”. Mesmo assim o incentivou:

Sincera e cordialmente o felicito pelo seu livro. Há nele o elemento principal para os fazer superiores, talento. Tem muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo, e outras que o senhor mesmo, estou certo, será o primeiro a reconhecer-lhe, mas com todos os seus senões é um livro distinto, revelador, sem engano possível, de talento real. (Veríssimo, 1910 apud Barbosa, 2010: 203-206)

Justificava o motivo de não publicar uma crítica a respeito por seu afastamento das colaborações regulares na imprensa. De fato, Veríssimo não estava escrevendo para jornais naquele período, embora mantivesse colaborações em revistas, praticando, nelas, um gênero ensaístico, menos focado em obras específicas. Em março de 1908, o *Jornal do Commercio* havia dispensado a colaboração do crítico, “mais uma vez”, como revelou ao amigo e diplomata

⁹ Esse conceito surge em Guimarães (2004) na sua análise sobre os leitores na obra de Machado de Assis, o qual teria lançado mão, em sua obra, de estratégias a fim de alcançar a comunicabilidade com o leitor. Machado e Veríssimo eram interlocutores próximos e preocupavam-se com a formação de públicos leitores no país. No estudo, Veríssimo, a partir dos indícios colhidos pelo pesquisador, é apontado como “leitor ideal” de Machado de Assis. O crítico considerava Machado o maior autor da literatura brasileira.

¹⁰ Schwarcz destaca: “Um elogio de Veríssimo devia significar muito então, ser digno de moldura; portanto, não é de todo estranho o fato de o escritor se vangloriar” (2017: 205). Na nova biografia de Lima, a autora destaca que o escritor tinha “especial estima” pelo crítico (Ibid.: 528). Schwarcz diz que provavelmente eles teriam se conhecido no início do século XX e que talvez ele tenha assistido a cursos do crítico. Em todo caso, mantém-se o encontro de 1907 em torno da *Floreale* como aquele que teria sido importante na relação com o escritor.

¹¹ A carta de Veríssimo a Lima Barreto integra o acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) e foi publicada na íntegra na biografia de Lima por Barbosa (2012).

¹² A correspondência de Veríssimo para o diplomata Oliveira Lima (1867-1928) comporta 180 cartas, que cobrem vinte anos de amizade e se encontra na Oliveira Lima Library, na Universidade Católica da América, em Washington, D.C. Esse conjunto de cartas comporta cerca de mil páginas manuscritas, transcritas por mim no curso da pesquisa sobre Veríssimo. O acervo que Oliveira Lima reuniu constitui uma importante coleção privada sobre cultura brasileira com muitas obras raras.

Oliveira Lima, com quem se correspondia de maneira assídua. Segue o trecho de uma carta inédita¹²:

Eu espero aliás que será a última [demissão] pois salvo reduzido pela fome não quero mais saber de letras, senão para ler para mim só que não fosse a satisfação de fazer o público trabalho. A literatura como indústria e meio de vida, ou achega de vida, é ao cabo uma coisa desprezível. (Veríssimo, José. Carta a O.L., 05.03.1908).

Depois daquela dispensa de março, Veríssimo escreveu em 1908 apenas um artigo especial sobre Machado de Assis para o *Jornal do Commercio*, encomendado por ocasião da morte do escritor, em setembro. Ele e Machado eram amigos muito próximos e o autor de *Dom Casmurro* o considerava o principal crítico literário em atividade no Brasil. Lima Barreto não era o único a saber do prestígio que representava um incentivo daquele crítico do círculo machadiano. Mas em 1909, ano em que lançou *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, seu romance de estreia, Veríssimo havia publicado apenas dois textos no *Jornal do Commercio*.

Um deles foi sobre Anatole France, em 17 de maio, quando ocorreu a celebrada visita do escritor francês ao Brasil. Veríssimo foi seu cicerone na sua passagem pela Academia Brasileira de Letras (ABL) e passeou com ele por todo o Rio de Janeiro, levando-o a lugares como o Corcovado, como ele conta na sua correspondência. Era, portanto, uma testemunha especial dessa visita e muito indicado para escrever a seu respeito. O segundo texto publicado em 1909 por Veríssimo no *Jornal do Commercio* surgiu em 30 de junho e abordava a biografia de D. João VI por Oliveira Lima. Mas tratou-se de uma exceção: Felix Pacheco, diretor do *Jornal*, havia enviado ao crítico uma carta com um pedido expresso para que fizesse a crítica. Veríssimo comenta a respeito de France e Pacheco em suas cartas daquele ano enviadas ao próprio Oliveira Lima. Além dessas exceções, não havia, naquele momento, espaço para uma crítica de Veríssimo a novos autores na imprensa regular. Confirma-se, pelos indícios de sua relação com o *Jornal do Commercio*, o que ele havia contado a Lima, sobre não estar escrevendo mais crítica em jornais. Mesmo assim, o elogio do crítico, apesar de realizado de maneira reservada, numa carta, ou seja, sem divulgação pública e ainda com ressalvas, pode ser considerado um incentivo para Lima Barreto em sua estreia (até mesmo pelo fato de receber a carta de Veríssimo já seria positivo).

¹³ Francisco de Assis Barbosa é autor do prefácio da primeira edição de *Literatura como missão*, que Sevcenko publicou em 1983. Os dois pesquisadores eram interlocutores, o que indica Barbosa como uma fonte importante para Sevcenko.

MESTRE TUTELAR

O biógrafo Francisco de Assis Barbosa (2012)¹³ destaca que o encontro de Lima Barreto com Veríssimo teria sido decisivo para o escritor. Nicolau Sevcenko,

sobretudo, aponta que o crítico teria sido admitido como “mestre tutelar” (2003: 269) não apenas de Lima Barreto, como de Euclides da Cunha, de quem foi bem mais próximo e sem dúvida marcante na trajetória. Lima e Euclides, os principais autores do início do século XX no Brasil, apesar de díspares, formariam, com José Veríssimo, “um triângulo indissociável, como um prisma que forneceu uma visão indelével de toda a cena cultural desse início de vida republicana” (Sevcenko, 2003: 269). O autor destaca Veríssimo como “incentivador incansável da carreira de Lima Barreto” e observa que “a sombra” do crítico “recobre a personalidade e a obra de um e outro [Lima e Euclides] de forma inconcussa” (loc. cit.). Seria ainda “um representante vivo dos intelectuais combativos que haviam feito a campanha da Abolição e preparado o advento da República” (Ibid.: 270).

Seu desencanto com o novo regime se transmitiu aos seus prosélitos e o seu inconformismo – oscilante entre o ceticismo para com as elites locais e a fé nas correntes reformistas europeias – ressurgia nos textos de ambos os escritores. O autor de *História da Literatura Brasileira* se impôs desse modo como vértice crítico dessas obras, definindo não só a disposição de espírito dos dois autores, mas dirigindo mesmo a sua empresa intelectual.

O que não quer dizer que Euclides e Lima não aplicassem sempre uma feição tipicamente pessoal às suas produções. Manteve-se sempre, nesse caso, a distância que medeia entre a inspiração e a criação. (loc. cit.)

A análise do autor sobre Veríssimo é sugestiva para se pensar a relação do crítico com Lima Barreto e abre perspectivas de diálogo em relação ao principal estudo sobre o crítico, a primeira tese de teoria literária do Brasil, defendida em 1970 por João Alexandre Barbosa na Universidade de São Paulo (USP), sob orientação de Antonio Candido. O trabalho foi publicado em 1974 com o título *A tradição do impasse* e aborda o que o autor chama de “linguagem” da crítica de Veríssimo¹⁴.

Resumidamente, pode-se dizer que o impasse se definiria entre uma postura progressiva em termos sociais – na medida em que Veríssimo seria um contundente crítico das mazelas da Primeira República – e um conservador no que se referia às inovações de linguagem dos escritores do período, ou seja, trata-se de um impasse de posicionamento diante de questões sociais e estéticas. Já Sevcenko imprime, em comparação com a análise de J.A. Barbosa, uma visão menos segmentada e mais movimentada da atuação do crítico, ao apontar para sua centralidade no circuito cultural e a influência que teria exercido sobre os escritores do período.

¹⁴ Ainda há relativamente poucos estudos a respeito de Veríssimo. Como ele atuou em jornais de maneira muito assídua, sua obra é de difícil apreensão. A pesquisa de Souza (2015) sobre a história da crítica literária no Brasil é importante para situar sua colaboração na área de estudos literários, mas na área da Comunicação não foram encontrados estudos sobre ele. O crítico também é requisitado na área de educação, com bons estudos como o de Cavazotti (2003). Também desperta a atenção de pesquisadores do Pará, que buscam compreender sua atuação na vida cultural local (conferir Pamplona, 2009).

¹⁵ Veríssimo também antecipou trecho da obra em 1899 na *Revista Brasileira*.

Em ambos os trabalhos, entretanto, ressentem-se a falta de análise de dados empíricos que ainda não se encontravam disponíveis. Tanto Sevcenko quando J. A. Barbosa, cujo trabalho continua sendo fundamental para se compreender o legado de Veríssimo, não identificam, por exemplo, sua contribuição para publicações de *Os Sertões*. Em sua correspondência, Euclides, pouco depois de fechar o contrato com a Laemmert, já se diz devedor de Veríssimo (Galvão; Galotti, 1997)¹⁵. Mas além de ter apresentado Euclides aos editores da Laemmert, Veríssimo consagrou a obra com o primeiro texto a seu respeito na imprensa, no *Correio da Manhã*, fazendo com que se tornasse rapidamente um *best-seller* para os padrões da época (Ventura, 2003). Vê-se como Veríssimo esteve bastante próximo de Euclides, com quem conviveu ainda na ABL. Barbosa não leva em conta a relação de Veríssimo com Lima Barreto, o que se justifica por ele não ter de fato publicado nenhuma crítica a seu respeito; o que se tem são fragmentos, indícios de uma relação que teria sido significativa para o escritor, no circuito comunicacional.

Já Sevcenko, embora forneça pistas de uma atuação contundente por parte de Veríssimo, não se alonga sobre sua trajetória. Por exemplo, afirma ele que o crítico comandou a vida literária no Brasil nos anos 1900, ecoando de certa forma o que diz Brito Broca (1956). Porém, cita apenas sua colaboração para o conservador *Jornal do Commercio*, sem levar em conta o fato de ter sido o crítico literário mais atuante na imprensa da época (ainda mais que Sílvio Romero e Araripe Júnior¹⁶), com passagens em diferentes revistas e jornais, a maioria destes de cunho oposicionista. A centralidade do crítico na imprensa era reconhecida inclusive por seus detratores. Sílvio Romero, no libelo polêmico (como era de seu costume) que lançou em 1909 contra Veríssimo, acusa o crítico de ter se tornado um “perfeito *penny liner* nas coisas do espírito”, habituado como estava a escrever “por empreitada nos jornais” (1909: 10). O poeta Antonio Salles, em artigo publicado em 6 de janeiro de 1903 na primeira página do *Correio da Manhã*, também com severas restrições ao crítico, dizia que se concentravam em Veríssimo todas as expectativas dos escritores brasileiros, pois era o único que acompanhava “o nosso movimento literário passo a passo, que se pronuncia sem exceção sobre todas as individualidades e sobre todas as obras que têm repontado em nosso meio intelectual”. Os demais que ocupavam o primeiro plano, “e são só dois – o senhores Sílvio Romero e Araripe Júnior”, continuou Salles, passavam largos tempos silenciosos e só escreviam “na eventualidade de uma solicitação ou de uma predileção”. Já Veríssimo “oficia todos os dias, e é com ele que os autores contam para o julgamento dos seus trabalhos”.

Enquanto Lima Barreto e Euclides têm seus escritos longamente discutidos por Sevcenko, a terceira ponta do “triângulo indissociável” que formavam não

¹⁶ Romero, segundo Brito Broca, nunca chegou a fazer crítica militante em jornal ou revista. “E por isso mesmo se irritava com a atividade excessiva desenvolvida por Veríssimo nesse sentido” (Broca, 1956: 244). Já Araripe, ainda de acordo com o mesmo autor, somente no século XIX, antes da proclamação da República, teve atuação de crítico militante, mas escrevia esporadicamente para diferentes jornais, muitas vezes em tom mais ensaístico do que com objetivo de exercício de crítica.

chega a ser analisada com a mesma profundidade. No estudo, José Veríssimo (essa terceira ponta) se mantém – para usar a expressão que o próprio historiador destacou a seu respeito – apenas uma “sombra” sobre os dois autores.

Há, de fato, um profundo incoformismo social na obra de Veríssimo que o aproxima de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Além disso, Sevcenko avança ao apontar a importância que o crítico teve em relação aos dois autores, em termos de incentivo, assim como ao situar sua obra num dos vértices da crítica cultural influente no período. No entanto, não leva em conta a análise que o crítico realiza da estética de Euclides e de Lima, enquanto Barbosa se demora longo tempo nessa análise no que se refere a Euclides. Sobre este, apesar dos elogios e do destaque que deu a *Os Sertões*, com um texto que ocupou a metade da primeira página de 3 de dezembro de 1902 do *Correio da Manhã*, Veríssimo criticou a linguagem que, em sua opinião, carecia de simplicidade, com o uso de neologismos, arcaísmos e de termos científicos e abstratos. Apesar disso, observou que esse “defeito” era de “quase todos os nossos cientistas que fazem literatura” e que não teria diminuído a força da escrita de Euclides, “nervosa e vibrante”, nem a importância do livro.

Veríssimo reiterou também a importância da denúncia que a obra realizava do crime que havia sido cometido no arraial de Canudos em 1897 pelas forças republicanas, tema polêmico na época. Trata-se de uma das mais alentadas críticas publicadas por ele e, possivelmente, a de maior impacto¹⁷.

O crítico sempre buscava analisar, de forma incansável, questões de linguagem na obra dos autores brasileiros. Ele estava preocupado com a comunicabilidade na literatura brasileira. Não surpreende, portanto, que tenha tocado no assunto em seu encontro com Lima Barreto no fim de 1907, quando falou em “sinceridade”. Se algum conselho podia dar aos jovens, o principal seria esse, sobre a simplicidade da linguagem e a tentativa de comunicação com o público. Num país de maioria analfabeta (cerca de 80% da população brasileira vivia nessa condição), os escritores não teriam como se esquivar dessa precariedade.

O crítico também voltou ao tema da linguagem na carta que escreveu a Lima Barreto em 1910. No seu entender, *Recordações do escrivão Isaías Caminha* continha “muitas imperfeições de composição, de linguagem, de estilo”¹⁸. Mas o próprio Lima, de acordo com o biógrafo Francisco de Assis Barbosa, não considerava o romance como a grande obra que almejava escrever.

Entretanto, de alguma maneira, o escritor estaria seguindo preceitos defendidos por Veríssimo. Sevcenko destaca que Lima Barreto foi marcado por uma “cobiça [...] furiosa de comunicação que marcou toda a sua vida literária” (2003: 199). Para isso, lançou mão de uma escrita despojada, “comum, transparente, descuidada, de comunicação imediata, de feição jornalística, anti-retórica,

¹⁷ Brito Broca afirma que o crítico havia arriscado “todo o seu prestígio” ao apostar num desconhecido como Euclides (1956: 242).

¹⁸ Em *Últimos estudos de literatura brasileira: 7a série*, publicado em 1979 a partir de recomendações deixadas pelo crítico, Luiz Carlos Alves, que preparou a edição, incluiu um texto inédito de Veríssimo sobre Lima, que se encontrava manuscrito no material (Veríssimo, 1979: 17). No texto, incluído em artigo intitulado “Momento Literário de 1906 a 1910”, e que Lima provavelmente não leu, o crítico afirma que o quadro que o escritor faz em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* “saiu-lhe acanhado e defeituosamente composto, e a representação sem serenidade, personalíssima” (Ibid.: 239). Esse trecho sobre Lima integra a fortuna crítica de *Prosa Seleta*, de Lima Barreto, organizado por Eliane Vasconcellos (2002).

¹⁹ Sobre essa identificação, Sevcenko destaca: “Entretanto, a estética mais prestigiada do período, amplamente difundida por José Veríssimo, é a fundamentada nos processos da ironia. Mas, à ironia amarga e cética de Machado de Assis, Veríssimo prefere aquela de cunho social e reforçadora da solidariedade humana, como em Anatole France, e que encontraria o seu melhor realizado no Brasil em Lima Barreto. Os estudos sobre a sátira e a ironia dominam as páginas de crítica, pelo menos até antes da Primeira Guerra Mundial” (2003: 124). Mas o ceticismo e a ironia amarga também crescem em Veríssimo ao longo de sua trajetória.

²⁰ Machado de Assis encontrava-se com amigos de tarde na Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor, em círculo seletivo em que havia muitos outros acadêmicos e do qual Veríssimo era frequentador constante.

²¹ Veríssimo faz esse desabafo a seus amigos da ABL, quando da morte trágica de Euclides. Em carta a Mário de Alencar (filho de José de Alencar e um dos amigos mais próximos de Machado de Assis), o crítico disse que, embora pudesse passar uma impressão de proximidade, sentia-se pouco à vontade com o escritor e não acreditava que sua obra pudesse ter vida longa (carta de 17 de agosto de 1909, acervo da ABL). Logo depois da publicação de *Os Sertões*, Euclides chegou a trocar carta com Veríssimo em que discorda de maneira frontal das posições do crítico, sobretudo no que se refere à proposta cientificista da obra.

despida de efeitos, [...] fluente, homogênea, [...] direta, pouco metafórica, pouco imagística e altamente concreta” (loc. cit.). Em sua premência por comunicação, Lima Barreto estaria atento às “transformações do público literário urbano” habituado aos processos jornalísticos e, a partir disso, “definia também a solução técnico-estética que o meio lhe suscitava” (Ibid.: 198). Deu destaque a personagens populares e vítimas sociais, manejando ironia e caricatura.

José Veríssimo não teve tempo para acompanhar plenamente o desenvolvimento da obra de Lima Barreto. Mas a concepção que apresentava de literatura seria mais afeita às suas ideias¹⁹ que àquelas de Euclides da Cunha, cuja trajetória literária e pessoal pôde acompanhar com proximidade privilegiada. Em textos subsequentes ao de 1902, quando do lançamento de *Os Sertões* (e mesmo então), Veríssimo demonstrava sua descrença em relação à proposta literária de Euclides, especialmente sua ênfase na tecla científica, essa visão correspondia à sua crítica relacionada à falta de “sinceridade” na literatura, que impediria a comunicação com o público. Em relação a Lima Barreto, teceu ressalvas à caricaturização dos personagens. “Perdoe-me o pedantismo, mas a arte, a arte que o senhor tem capacidade para fazer, é representação, é síntese, e, mesmo realista, idealização”, escreveu-lhe em março de 1910.

Não há dado, até o momento, que indique que Veríssimo tenha sido um “incentivador incansável da carreira de Lima Barreto”. Como afirma ainda o autor, Veríssimo foi “amigo íntimo” de Euclides e, de fato, há ampla documentação que comprova que eles tiveram uma convivência bastante próxima na Academia Brasileira de Letras e na roda da Garnier²⁰. Entretanto, a correspondência de Euclides (Galvão; Galotti, 1997) não desmente certa distância que havia entre eles. A amigos próximos, como Mário de Alencar²¹ e Oliveira Lima, Veríssimo não escondia seu desconforto diante da pessoa e da obra de Euclides, embora reconhecesse que muitas vezes podia passar a impressão contrária.

Desse modo, se Veríssimo de alguma maneira atuou como “mestre tutelar” dos dois escritores, foi especialmente no início de suas trajetórias – o que não é pouca coisa e demonstra o poder de influência do crítico. Mas não há indícios biográficos que apontem para uma relação tão estreita ao longo do tempo, como pode deixar a entender Nicolau Sevcenko. Essa situação é bastante diferente da relação de Veríssimo com Machado de Assis, embora, nesse caso, possa-se dizer o inverso, pois se há um “mestre tutelar” entre eles, certamente foi o escritor.

Mesmo não havendo uma relação de “mestre tutelar” com Lima ou Euclides, não se invalida, porém, o prisma formado por eles e Veríssimo, sugerido por Sevcenko para desvendar a vida cultural do período. De fato, há muitos pontos de identificação em suas ideias, especialmente no caso de Lima Barreto, o que pode indicar uma relação de “mestre tutelar” no sentido de uma relação mais distante,

como um *maitre à penser* ou uma inspiração. O crítico, a partir dos diferentes jornais em que atuou e pela direção da *Revista Brasileira*, entre 1895 e 1899, conquistou tal centralidade que é possível afirmar que manejou toda a vida literária relevante nas duas primeiras décadas da Primeira República, incluindo nisso a atuação relacionada a Lima e Euclides. Mas a conquista e a manutenção dessa preponderância não ocorreram numa linha reta. Bem ao contrário, a trajetória de Veríssimo foi marcada por altos e baixos, polêmicas e disputas de bastidores.

“CORREIO DA MANHÃ”

Em sua carta a Lima Barreto, José Veríssimo não deixa de reconhecer: “Eu que isto lhe digo [as ressalvas ao personalismo], eu mesmo me delicieei, com a sua exata e justa pintura da nossa vida jornalística e literária, mas não dou por boa a emoção que ela me causou” (Veríssimo, 1910 apud Barbosa, 2012). A carta demonstra que Veríssimo, embora tentasse reprimir o sarcasmo experimentado com a leitura de *Recordações do escrивão Isaías Caminha*, afinava-se com o escritor em muitos de seus pontos de vista.

Ao qualificar o retrato oferecido pela obra de “exato” e “justo”, o crítico falava com conhecimento de causa: assim como Lima Barreto, ele havia trabalhado no *Correio da Manhã*, jornal lançado em 1901 pelo advogado gaúcho Edmundo Bittencourt para desafinar o coreto da imprensa bem comportada diante das ações orquestradas pela Presidência de Campos Sales (1898-1902). A nova folha oposicionista causou barulho e Veríssimo se juntou à sua equipe logo na 18ª edição, a princípio como analista de questões internacionais. Só começou a tratar de literatura quando, poucas semanas depois, deixou a *Revista Literária*, coluna semanal que mantinha no *Jornal do Commercio* desde o início de 1899. Mesmo que quisesse, dificilmente conseguiria escrever para os dois jornais ao mesmo tempo: no intuito de se afirmar, o *Correio* tomou como seu principal rival, no início, o *Jornal do Commercio*, que continuava a ser o maior e mais bem-sucedido da imprensa na capital.

A folha de Bittencourt firmou-se rapidamente como dissonante na imprensa. Com menos de uma semana de existência, o público já se aglomerava à sua porta para saudar o sucesso que alcançara. O jornal chegou às ruas quando o governo havia recém-anunciado um aumento nas passagens dos bondes, na companhia São Cristóvão, causando ondas de revolta e protesto por toda cidade, o que ocasionou uma dura repressão policial. O *Correio* se posicionou ao lado dos manifestantes, respaldado pelo senador Rui Barbosa, e o governo acabou voltando atrás no reajuste. Como diz Francisco de Assis Barbosa, Lima Barreto teria escolhido o *Correio* para seu retrato mordaz em *Recordações do escrивão*

Isaías Caminha por ser o mais significativo do período, tendo consolidado seu prestígio praticamente no primeiro dia de circulação. Atento ao desenvolvimento de novas camadas médias urbanas, o jornal se voltou para esse público ascendente, com uma linguagem mais acessível que a dos principais jornais até então. Isso embora ainda seguisse o estilo dos jornais oitocentistas em muitos aspectos, como ao se basear no prestígio de seus articulistas de fundo – e José Veríssimo era um deles – para se afirmar. O crítico era citado pela própria folha como um de seus principais nomes, reforçando o peso oposicionista.

O crítico colaborou para o *Correio* até o início de 1903 e os motivos de sua saída são controversos. Cerca de um mês depois do seu texto sobre *Os Sertões*, quando se encontrava em momento de grande destaque na sua atividade, o poeta Antonio Salles escreveu, para o próprio *Correio* e no mesmo espaço ocupado em geral por ele, uma resenha a uma coletânea de artigos do crítico com duras críticas à sua atuação, especialmente ao que via como excesso de rigidez em seus julgamentos da literatura brasileira (06.01.1903). Os estudos sobre Veríssimo não costumam contemplar essa crítica, feita dentro do próprio jornal em que ele trabalhava, mas trata-se de importante documento a seu respeito, inclusive para se compreender como se deu sua saída do jornal²². O texto chega a apresentar um tom editorializado, que não escondia certo desconforto do jornal em relação a Veríssimo, acusado de não abrir mão de seus altos padrões estéticos para avaliar uma literatura que seria minguada para tamanha expectativa. O crítico seria “grande” demais, como disse Salles, para o meio em que vivia. Também foi no texto impiedosamente criticado por não ser nacionalista e nesse quesito foi comparado negativamente em relação a Araripe Junior e Sílvio Romero.

Portanto, se o tom oposicionista e confrontador dos primeiros tempos do *Correio* havia funcionado como uma plataforma de liberdade para Veríssimo, especialmente em relação ao espaço mais circunscrito do *Jornal do Commercio*, nesse outro momento a independência do crítico estaria, de alguma forma, sendo posta à prova pela ambição de popularidade do jornal. Depois desse texto de Antonio Salles, ele permaneceu somente mais algumas semanas no *Correio* e ficou cerca de um ano sem colaborar para a imprensa (mantinha-se como professor no Colégio Pedro II, do qual foi diretor de 1892 a 1898, e na Escola Normal). Assim, a atividade crítica surge confrontada pelas tensões envolvidas no fazer jornalístico (e não apenas como mera palavra *enfeitada* ou de *fundo*). A independência de ideias do crítico (que no *Jornal do Commercio* não tinha espaço para elevar seu tom crítico) de certa forma começou a incomodar o projeto editorial.

Portanto, não é difícil imaginar como, no mínimo, sorriu ao ler a caricatura do jornal e de seu proprietário, Edmundo Bittencourt, na figura de Ricardo Loberant:

²² O autor que mais avança nesse sentido é Brito Broca (1956), mas ele não traz a informação sobre o demolidor texto de Antonio Salles a respeito de Veríssimo. Segundo Broca, o crítico estaria escrevendo, sem assinatura, textos críticos ao Barão do Rio Branco. Edmundo Bittencourt, por indiscrição, teria tornado pública sua identidade, o que teria desagradado a Veríssimo, levando à sua saída. Não foram encontradas, na coleção, dados que comprovassem essa afirmação, apresentada por Broca sem citar datas ou textos específicos.

Ninguém o sabia jornalista, mesmo durante o seu curso mal-amanhado não sacrificara às letras: fora sempre tido como *viveur*, gostando de gastar e frequentar a sociedade das grandes *cocottes*. Um belo dia, o público da cidade ouviu os italianos gritarem: “O Globo! O Globo!”. Os curiosos compraram-no e com indiferença leram ao alto o nome do diretor: Ricardo Loberant. Quem é? Ninguém sabia. Mas o jornal atraía, tinha um desempenho de linguagem, um grande atrevimento, uma crítica corajosa às coisas governamentais, que, não se sabendo justa, era acerva e parecia severa. Este gostou, aquele apreciou, e dentro de oito dias ele tinha criado na multidão focos de contágio para o prestígio de sua folha. [...] E o jornal pegou. Trazia novidade: além de desabrimento de linguagem e um franco ataque aos dominantes, uma afetação de absoluta austeridade e independência, uma colaboração dos nomes amados do público, lembrando por esse aspecto os jornais antigos que a nossa geração não conhecera. [...] a cidade, agitada pela palavra do jornal, fez arruaças, pequenos motins e obrigou o governo a demitir esta e aquela autoridade. E *O Globo* vendeu-se, vendeu-se, vendeu-se. (Barreto, 2010: 171-172)

Há ainda o retrato de outro personagem que não fez parte da equipe do *Correio*, mas possuía grande ascendência no meio jornalístico: João do Rio, a quem Veríssimo considerava um “repórter sem cultura” e a quem sempre se opôs de maneira enérgica, inclusive na Academia Brasileira de Letras²³. Essa aversão era outro ponto em comum com Lima Barreto, que não apreciava o autor de *As religiões no Rio*, retratado em *Recordações do escrívão Isaías Caminha* como Raul Gusmão (Barbosa, 2012: 195).

Sobre todos pairava a figura inflada, mescla de suíno e símio, do célebre jornalista Raul Gusmão. O próprio Oliveira, tão parvo e tão besta, tinha alguma coisa dele, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de frases de efeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa. Era já o genial, com quem viria a travar conhecimento mais tarde, que me assombrava com o seu maquinismo de *pose* e me colhia nos alçapões de apanhar os simples. (Ibid.: 90)

Lima Barreto teria trabalhado no *Correio da Manhã* em 1905, quando escreveu uma série de 22 textos sobre os subterrâneos do Morro do Castelo²⁴. Os textos não trazem sua assinatura, nem a de pseudônimos, embora os arquivos do autor mantidos na Fundação Biblioteca Nacional permitam comprovar a autoria. Francisco de Assis Barbosa destaca que os dados sobre sua passagem pelo jornal de Edmundo Bittencourt são imprecisos e não se sabe se foi apenas “simples colaborador ou redator efetivo” (Ibid.: 150). Essa teria sido uma das suas tentativas de ingresso no jornalismo profissional sem muito sucesso na época.

²³ É numa carta inédita a Oliveira Lima, de 1906, que Veríssimo cita, pela primeira vez, o nome do jornalista em sua vasta correspondência com seu amigo diplomata. Por ocasião da primeira tentativa de ingresso de João do Rio na ABL, Veríssimo lhe pede para não votar nele, pois se tratava de um “simples repórter sem cultura” e um “cabotin” (23.05.1906). João do Rio simbolizava, na visão do crítico, o novo jornalismo que começou a ser praticado no início do século nas redações cariocas e com o qual não se identificava.

²⁴ A coletânea foi editada em 1997 com o título *O subterrâneo do Morro do Castelo: um folhetim de Lima Barreto*, com organização, introdução e notas de Beatriz Resende, pela editora Dantes.

Como documento sobre o jornalismo do início do século XX no Brasil, *Recordações do escrívão Isaías Caminha* é incontornável. No entanto, Nelson Werneck Sodré, autor do mais importante (ainda hoje) livro sobre a história do jornalismo no Brasil, considera injusta a crítica do escritor. Em *História da imprensa no Brasil*, lançado em 1966, cuja reedição de 1999 tomamos como base, afirma que o escritor “não compreendeu como o papel do jornal que satirizou era positivo” (Sodré, 1998: 304). De acordo com Sodré, a folha contribuiu para a derrocada da “velha República”, consolidando-se como “veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes” (Ibid.: 287).

O *Correio da Manhã* e seus profissionais não foram o único alvo da imprensa satirizado por Lima Barreto. Em *Numa e a ninfa* (1950), por exemplo, que primeiramente publicou em folhetim com destaque na primeira página do jornal *A Noite*, em 1915, realizou uma dura sátira das condições políticas que levaram o general Hermes da Fonseca à Presidência da República, nas eleições de 1910, em que derrotou Rui Barbosa. *A Noite*, fundado em 1911 por Irineu Marinho, era um dos três polos da grande imprensa diária oposicionista da época, junto com o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, e *O Imparcial*, de José Eduardo de Macedo Soares, criado em 1912. Em 1914 – o último da gestão de Hermes – essas publicações enfrentaram uma dura repressão ao longo de meses de estado de sítio, com a censura e a prisão de seus donos e profissionais. O circuito comunicacional em que se movia Lima e Veríssimo não era indiferente às demandas do jornalismo; os dois autores precisavam constantemente negociar com essas demandas.

Em *Numa e a ninfa*, um romance à clef assim como *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Lima Barreto retratou João Laje, diretor do jornal situacionista *O País*, sob as vestes de Fuas Bandeira, um português de nascimento que “encarava todo debate jornalístico como objeto de comércio ou indústria”; na obra, Fuas fazia “a indústria do jornal e não havia empreendimento ou obra por mais útil que fosse, representando emprego de capitais avultados e lucro para os empreiteiros, de que não procurasse tirar o seu quinhão”. Nelson Werneck Sodré, de fato, situa João Laje como “figura típica da imprensa industrial” do período (1998: 335)²⁵. Em contraste a esse tipo, também como figura típica na imprensa, destaca justamente Lima Barreto, com sua “palavra sempre de protesto”²⁶:

Não apenas porque recolheu em páginas inesquecíveis a época, os personagens, a imprensa carioca, mas porque, em sua atividade de escritor e jornalista, acabou se constituindo um exemplo do antípoda da corrupção da inteligência, o caso marcante da vítima social. Colaborador circunstancial de revistas conhecidas e de

²⁵ João Laje causava revolta em grupos oposicionistas de tal forma que, em 21 de agosto de 1913, o jornal *O Imparcial*, que publicava apenas imagens na primeira página, dedicou sua capa a um protesto de estudantes “das nossas escolas superiores” que levou uma multidão para a Avenida Rio Branco. No protesto, simularam o enterro do jornalista português. Na manchete da capa, podia-se ler: “O enterro de João Laje” (Hemeroteca Digital da FBN).

²⁶ A pesquisa de Corrêa (2016) que revelou 164 textos inéditos de Lima publicados sob pseudônimos reforça a ideia de uma atuação significativa na imprensa.

grandes jornais, *A Notícia*, *O País*, o *Diário de Notícias*, o *Rio-Jornal*, recebendo cinquenta mil-réis por artigo, redator efetivo da *Careta*, com salário fixo mensal, a parte principal da sua colaboração vai para a pequena imprensa, para *O Debate*, para *O ABC*, em que escreveu de 1916 até sua morte, porque são as revistas e os jornais modestos que lhe permitem escrever com inteira liberdade, exteriorizar seu pensamento. Sua palavra é sempre de protesto [...] protesta contra todas as injustiças, até mesmo as literárias que a fase, propícia à mediocridade, proporciona com abundância, atingindo-o pessoalmente muitas vezes. (Ibid.: 335-336)

O viés oposicionista também foi uma marca de José Veríssimo na imprensa da capital, para onde se mudou em 1891, vindo de Belém, no Pará, seu estado natal. Mas essa face combativa de sua biografia é pouco conhecida, pois, em geral, o crítico costuma ser associado apenas superficialmente à sua atuação no *Jornal do Commercio*. Mesmo quando sua participação no *Correio da Manhã* é destacada, não se leva em conta que se tratava do principal jornal oposicionista dos primeiros anos do século XX no Brasil, sendo que o teor da crítica de Lima Barreto à publicação em *Recordações do escrivão Isaías Caminha* pode dar a entender, em muitos estudos, que se tratava de um jornal situacionista, mas isso não era o caso. O tom destemido de crítica social em Veríssimo certamente era acompanhado de perto por Lima Barreto.

SUBURBANOS, ENTRE O SOCIALISMO E O ANARQUISMO

José Veríssimo morava com sua mulher e filhos numa confortável casa do Engenho Novo, não muito distante do endereço de Lima Barreto em Todos os Santos, ambos bairros do subúrbio do Rio pertencentes à região conhecida como Grande Méier. Foi certamente nesse endereço que recebeu Lima e seu amigo Manuel Ribeiro no fim de 1907. Dois anos depois, mudou-se com a família para uma casa na Avenida 24 de Maio, no bairro de Riachuelo, também no Grande Méier, e foi de lá que escreveu a carta de 1910 ao escritor mantida na Biblioteca Nacional, com sua análise de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Na sua correspondência, eventualmente quando convidava amigos ilustres, lembrava-lhes de sua condição de suburbano, que prometia compensar com uma calorosa hospitalidade.

Morar distante de bairros chiques como Botafogo e Cosme Velho indicava que, apesar da proeminência na atividade de crítico e professor, o equilíbrio financeiro era frágil. A colaboração na imprensa não foi exercida por diletantismo, mas por necessidade, embora houvesse espaço de liberdade (e identificação) na escolha dos veículos com os quais colaborar. O crítico nunca aceitou

²⁷ Schwarcz lembra que o projeto de Elísio de Carvalho de uma Universidade Popular, de 1904, envolveu figuras como Fábio Luz, José Veríssimo, Domingos Ribeiro Filho, Evaristo de Moraes, Manuel Bonfim e Rocha Pombo. “Se a experiência durou poucos meses, a iniciativa ficaria durante muito tempo na memória” (2017: 348). Lima Barreto, diz ainda a autora, conviveu com essa turma desde 1903. “Encontravam-se nos animados cafés do centro, onde debatiam política, literatura, anarquismo, e falavam mal dos que, diferentemente deles, não se reuniam em torno de uma mesa de bar” (Ibid.: 348).

²⁸ A respeito da importância da relação de Veríssimo com Graça Aranha ver Azevedo (2002). Aranha foi o mais próximo amigo de Veríssimo até pelo menos sua ida para a Europa, no início de 1899, quando acompanhou Joaquim Nabuco em uma missão diplomática.

²⁹ Em 1912, Veríssimo havia rompido de forma definitiva com a ABL, que ajudara a criar em 1897 e da qual era o primeiro-secretário, ou seja, o segundo nome. Depois da morte de Machado, em 1908, Rui Barbosa se tornou o presidente, mas pouco ia à agremiação. Veríssimo deixou a instituição com duras críticas à atuação de seus “confrades”. A eleição do então ministro de Relações Exteriores, Lauro Muller, foi a gota d’água para essa decisão – o crítico dizia querer apenas literatos na ABL – mas sua correspondência com Oliveira Lima mostra como foi traído pelos colegas nessa eleição, a quem dizia sentir “nojo”. João do Rio esteve no centro da articulação que se opôs a Veríssimo.

escrever de graça e, em seus textos, sempre defendeu a profissionalização de sua atividade nos jornais e no mercado editorial. Ser suburbano foi uma marca distintiva, assim como para Lima Barreto, que situou muitas de suas histórias nos bairros à sua volta. Distinguiam-se de parte dos letrados pela consciência (quase imposição) de que escrever era uma necessidade para complementar o orçamento: não havia espaço para deslumbramentos.

A postura combativa e oposicionista que cultivaram vai de par com essa condição. No fim de sua vida, quando a Guerra de 1914 se tornou uma causa intelectual de engajamento para Veríssimo, contra as pretensões bélicas alemãs, o crítico acentuou sua crítica política, aproximando-se de ideias socialistas. Foi Graça Aranha (1923) o primeiro a defini-lo como socialista²⁷, corrente da qual já seria adepto desde o fim do século XIX – Veríssimo e Graça Aranha foram amigos muito próximos e o crítico o introduziu à roda de ilustres como Joaquim Nabuco e Machado de Assis²⁸. A tendência socialista de Veríssimo se acentuou nos seus últimos textos na imprensa.

O socialismo, já agora formidável, o socialismo que visto no seu conjunto não é somente esta ou aquela doutrina de nova organização social anticapitalista, mas a coligação de todos os descontentamentos da organização que leva a crises como esta [a Guerra], poderia achar-se incumbido, pelo próprio desenrolar dos acontecimentos, de destruir o presente estado político europeu. Que este se mostrou incapaz, o demonstra evidentemente o resultado a que chegou: a única saída que se lhe oferece é uma guerra geral, uma guerra cuja só possibilidade é tremenda, e na qual arrisca todos os ganhos da civilização nos últimos quarenta anos. (Veríssimo, José. “Si vis pacem, para pacem”, *O Imparcial*, 03.08.1913)

Em 1913, Veríssimo publicou no oposicionista *Imparcial* algumas de suas mais contundentes críticas sociais e políticas (além de crítica literária, que, no entanto, já não realizava com a mesma assiduidade de anos anteriores). A linguagem do jornal é leve, bem humorada e muitos textos seus na folha terão essa marca, sarcástica inclusive. No fim de 1913, a propósito do dicionário de *Brasileirismos* que a Academia Brasileira de Letras (ABL)²⁹ preparava, lembrou que nele não podiam ser esquecidos termos da criatividade da vida republicana. Uma palavra que havia se tornando comum era *bajulação*: “Ensina-se nas escolas, em manifestações de louvor e apreço a toda casta de superiores”. Tratava-se de um fenômeno com múltiplas formas, referido com neologismos novos como *engrossar*, *engrossamento*, *engrossador*. Havia outras expressões com o mesmo intuito: *bico da chaleira*, *pegar no bico da chaleira*, *chaleirar*. Mas “a nata, a fina flor dessa semântica republicana” era uma palavra “sublime de significação e crueza”:

Essa palavra, que começa em “es” e acaba em “ão”, infelizmente, ainda não a posso escrever aqui, embora, ao que me dizem, já se ouça nos salões onde viçam o tango e o maxixe. Se há palavras que definam exatamente a nossa situação política, social e moral, são essa e as suas cognatas. A sua criação é um invento genial. (Veríssimo, José. “Brasileirismos”, *O Imparcial*, 18.12.1913)³⁰

³⁰ Provavelmente a palavra é “espertalhão”.

As críticas de Veríssimo eram às vezes tão contundentes que o *Imparcial* saiu em sua defesa mais de uma ocasião, reiterando que se tratava do maior crítico literário do país e citando para embasar esses posicionamentos a opinião de nomes como Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. Isso embora reconhecesse que Veríssimo fosse, de fato, “o [crítico] mais atacado” pelos leitores de Norte a Sul do país. Para o jornal, acolhê-lo era sinal de independência. Ele cultivava a fama de implacável, embora a ironia, com suas ambivalências, fosse uma marca de seus escritos. Novamente, a crítica não foi praticada como ideia solta no espaço, mas integrada aos jogos da redação. E o fato de a crítica de Veríssimo mudar de feições – sendo mais combativa, mais crônica e mais política que debate de ideias literárias – indica uma nova demanda no circuito comunicacional, à qual buscava se ajustar. A crítica que praticava e propunha inicialmente, que ainda devia muito às formas de articulação textual da “rede 1800”, começava a encontrar dificuldade de se impor na “rede 1900”.

Quando deixou *O Imparcial*, no início de 1915, estava engajadíssimo na Liga Brasileira Pelos Aliados, contra a Alemanha, da qual se tornou o líder de fato, enquanto Rui Barbosa ocupava apenas formalmente a presidência, não se envolvendo com as suas atividades diárias. A proeminência de Veríssimo, o vice-presidente da organização³¹, era tamanha que depois da sua morte, em fevereiro de 1916, a Liga perdeu força e ficou desacreditada, sendo que o próprio *Imparcial* fará críticas aos rumos da Liga depois da morte de Veríssimo. Não é difícil imaginar que ele tenha se encontrado com Lima Barreto novamente nesse período. O escritor conta que aderiu à Liga no começo da Guerra, ou seja, justamente no período em que era comandada pelo crítico. Saiu apenas quando “ela desandou, aproveitando-se da simplicidade de muitos e da cumplicidade de alguns” (Barreto apud Barbosa, 2012: 227).

³¹ Verbete a respeito em CPDOC: <<https://goo.gl/4GPkku>>. Acesso em: 4 abr. 2017.

Assim como para Veríssimo, a Guerra representou uma virada nas ideias de Lima Barreto. Um dos tópicos em debate era o nacionalismo. O conflito na Europa fazia com que se redimensionasse a questão.

De seu lado, Veríssimo era conhecido por suas críticas a respeito. Já em 1906, no prefácio da segunda edição de *A educação nacional*, que havia lançado em 1890, quando a República nascente o enchia de otimismo, admitia ter mudado de opinião. Negava-se patriota: “ao menos não o quero ser na acepção política

deste vocábulo, assevandijado pelo uso desonesto que com ele se qualificam os mais indignos republicanos” (Veríssimo, 2013: 59). E continuava: “Não façamos da Pátria um ídolo, um novo Moloch, a quem tudo sacrifiquemos” (Ibid.: 59). Duro crítico da realidade brasileira, com a Guerra, porém, ao se contrapor ao projeto alemão, conseguiu ver um sentido positivo no caso brasileiro. O povo que se formava aqui podia ser considerado “um novo latino”, o que ia de encontro ao “ideal sociológico” alemão de “tipo único”. Apesar de todos os seus problemas, o Brasil estaria formando uma democracia liberal, “pacífica, progressista, bastante larga e elástica para que todos e cada um caibamos nela” (“Os brasileiros e a guerra”, *O Imparcial*, 16.03.1915).

Já Lima Barreto, em sua colaboração no *Correio da Noite*, declarava, sem rodeios no início da Guerra, que não acreditava no patriotismo (apud Barbosa, 2012: 268). Segundo Resende, o escritor criticava o ufanismo e o nacionalismo excludente: “os textos que escreve a propósito do conflito mundial revelam a aspiração por um conceito mais amplo de nação, entendida como conjunto de cidadãos, de homens unidos por um sentimento maior de solidariedade” (2004: 12).

Na edição de suas crônicas em 2004, recuperou-se o texto “A minha Alemanha”, publicado no jornal *A.B.C.* em 1919, que ficara fora das suas *Obras Completas*, editadas em 1956 (Resende, 2004: 13). Os emigrantes alemães estavam sendo hostilizados no Brasil, e Lima, que se dizia contrário ao espírito militarista prussiano, reiterou: “Alemães, negros, caboclos, italianos, portugueses, gregos e vagabundos, nós todos somos homens e devemos nos entender na vasta e ampla terra do Brasil. Não sou nacionalista”. De alguma forma, traz algo da ideia de um Brasil “elástico” e não nacionalista pela qual José Veríssimo militou.

No entanto, em 1917, quando o governo quebrou sua neutralidade na Guerra a favor dos norte-americanos, Lima não gostou. No *Diário íntimo* (2011), anotou como motivo desse desacordo a “dolorosa situação dos homens de cor nos Estados Unidos” (Barbosa, 2012: 272). Não aceitava a aliança com os norte-americanos. Chegou a afirmar em 3 de junho: “A escolher, sim senhor, eu preferia mil vezes a Alemanha. Não posso dizer nada e nada direi; mas aqui fica o meu protesto mudo” (2011: 91).

Ainda em 1917, o escritor, que se dizia adepto do maximalismo, corrente muitas vezes associada ao bolchevismo, saudou a Revolução Russa. Também se mostrava favorável a ideias anarquistas em muitas de suas crônicas. Nesse sentido, foi mais radical que Veríssimo, que não teve tempo para ver o crescimento na imprensa do cronista Lima Barreto, cuja maior parte da atividade literária se concentrou em seus últimos anos de vida.

A relação dos autores entre si, com a cidade, com o público, a política e os jornais, além da negociação de ideias em que se engajavam nas diferentes

frentes, compõem o que indicamos como *circuito comunicacional*. Neste, a crítica surge como projeto jornalístico, como destacamos sobre o *Correio da Manhã* e *O Imparcial*. Tanto Veríssimo quanto Lima marcaram posição na imprensa com perfis combativos e críticos, militando ainda pela literatura. Por diferentes entradas, buscou-se analisar a proposição de Sevcenko, de que Veríssimo teria sido “mestre tutelar” de Lima Barreto. Sua proposição é aqui matizada, confirmando-se somente sob certos aspectos parcial e especialmente no que se refere à postura de crítica social.

TRISTE FIM

O triste fim de Policarpo Quaresma, segundo romance de Lima Barreto que veio a público, foi lançado em livro em fevereiro de 1916, justamente o mês da morte de José Veríssimo. O livro tinha sido escrito em folhetim em 1911, mas folhetins não costumavam ser motivo de crítica.

Veríssimo deixou pronta a sua *História da literatura brasileira – De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)* (Veríssimo, 1998), publicado ainda no ano de sua morte (ele próprio queria que fosse um livro póstumo). A pesquisa histórica que realizou se encerra com a morte de Machado de Assis. Foi de certa maneira uma homenagem ao amigo, por quem militou para que se ampliasse e preservasse a memória, o que nem sempre foi óbvio e fácil no início. O livro fora acalentado desde o fim do século XIX, em contraposição ao livro homônimo de Sílvio Romero (*História da literatura brasileira*), de 1888. Machado representava um ápice, um ideal literário. Destacá-lo era uma maneira ainda de responder a Romero.

Euclides da Cunha poderia, de fato, ter sido incluído na *História da literatura brasileira* pelo recorte cronológico adotado. Mas Veríssimo, como vimos, apesar de ter feito a glória de *Os Sertões*, não acreditava em vida longa para a obra. Sua crítica, nesse caso, voltava-se sobretudo à ênfase na linguagem científica como recurso literário e sua *História da literatura brasileira* realiza uma seleção estrita daquilo que considerava arte literária – também nesse aspecto se contrapõe a Romero, bem mais inclusivo. Para ampliar essa discussão, seria preciso, porém, levar em conta o que representava a crítica ao cientificismo em seu tempo.

Em meados de 1914, Veríssimo contou a Oliveira Lima que sua *História da literatura brasileira* estava pronta e até batida à máquina. Nesse ponto, a obra de Lima Barreto não possuía densidade suficiente (e não se trata de discutir se viria a ter, na perspectiva do crítico) capaz de modificar o projeto de Veríssimo, planejado como uma apoteose a Machado de Assis. De toda forma, não se pode afirmar que o crítico teria deixado de fora os dois autores, Euclides da Cunha

³² “José Veríssimo, ao escolher Machado de Assis para centro de seu cânone literário nacional, deixa de lado muitos escritores, como Euclides da Cunha e Lima Barreto, que seriam conflitantes em relação aos propósitos do crítico. Assim sendo, o campo intelectual proposto por Veríssimo não poderia ser definido por escritores que mostrassem os problemas sociais do Brasil, mas por escritores que, de certa forma, continuassem um padrão de ‘esfera pública’ centrado nos ideais europeus de civilização” (Pereira, 2009). Os dados levantados para a atual pesquisa não confirmam essa hipótese.

³³ Também em 1917, Lima Barreto tem a intenção de criar uma nova revista literária, que se chamaria *Marginália*. Corrêa (2016) afirma que seu projeto editorial era o de uma publicação que seria um meio-termo entre as revistas ilustradas, como *Fon-Fon* e *Careta*, de grande sucesso de público, e as revistas intelectuais, que permitiam “esclarecer fatos e opiniões” (Barreto apud Corrêa, 2016: 25).

Corrêa cita como exemplo de revistas intelectuais influentes para Lima publicações francesas como *Revue des Deux Mondes* e *Mercur de France* (Ibid.: 23).

Deixa, no entanto, de citar a *Revista Brasileira*, que havia sido a principal publicação desse tipo no Brasil no fim do século XIX e da qual Lima foi leitor assíduo (assim como toda a sua geração). Mas não se deveria desprezar a influência de Veríssimo, diretor da *Revista Brasileira*, como um modelo local para seu projeto de articulação cultural. Corrêa (2014) destaca que as revistas com as quais Lima colaborou foram centrais para seu projeto literário ao permitir uma maior aproximação com o público (ainda mais que os jornais). Trata-se, assim, de mais um indício com o qual se pode associar Lima a Veríssimo.

e Lima Barreto, por serem *conflitantes* em relação aos seus propósitos, na medida em que tinham como objetivo mostrar “os problemas sociais do Brasil” (Pereira, 2009)³². Ao contrário, esses seriam aspectos prezados pelo crítico que se preocupava, entretanto, com sua realização em termos literários. No caso de Lima, apesar das críticas que lhe fez por carta sobre o excesso de personalismo na sua estreia com *Recordações do escrívão Isaías Caminha* (e ele não foi o único a criticar esse aspecto), era um autor que via como promissor.

Em 1917, Lima lançou uma segunda edição de *Recordações do escrívão Isaías Caminha* em que incluiu uma “breve notícia” introdutória, datada de 31 de dezembro de 1916, com uma homenagem ao crítico³³. Veríssimo, que havia morrido no início daquele ano, era a inspiração para que, na nova edição, Lima restabelecesse o original tal qual lhe fora confiado por seu “amigo” Isaías Caminha, escrívão da Coletoria Federal de Caxambi (Isaías é o protagonista ficcional do romance). Isso porque os primeiros capítulos publicados na *Floreal* haviam levado “aquele espírito firme e independente, aquele sagaz crítico, como o seu nobre amor pelos grandes ideais nas letras, que se chamou José Veríssimo” a escrever um comentário muito positivo a respeito na sua coluna *Revista Literária*, no *Jornal do Commercio* (2010: 62). Para um espírito igualmente crítico como o de Lima Barreto, sempre em busca da *sinceridade*, não podem ser considerados elogios lançados ao vento. Fora a consagração íntima de Isaías. ■

REFERÊNCIAS

- ARANHA, G. (Org.). *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: comentários e notas à correspondência entre estes dous escriptores*. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia Editores, 1923. Disponível em: <<https://goo.gl/Ek8sSA>>. Acesso em: 20 maio 2016.
- AZEVEDO, M. H. C. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.
- BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.
- BARBOSA, J. A. *A tradição do impasse: linguagem da crítica & crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974.
- BARRETO, L. *Numa e ninfa*. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 1950.
- _____. *O subterrâneo do Morro do Castelo*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. *Prosa seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BARRETO, L. *Recordações do escrívão Isaías Caminha*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Diário íntimo*. São Paulo: Globus, 2011.

- _____. *Toda crônica*, volume I 1890-1919. Rio de Janeiro: Agir, 2004.
- BROCA, B. *A vida literária no Brasil: 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- CAVAZOTTI, M. A. *O projeto republicano de educação nacional na versão de José Veríssimo*. São Paulo: Annablume, 2003.
- CORRÊA, F. B. Introdução. In: BARRETO, Lima. *Sátiras e outras subversões*. São Paulo: Penguin, 2016. p. 11-75.
- _____. Lima Barreto's 'Marginália': The magazine writer's dream. In: *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro. v. 7, n. 14, p. 61-81, dez. 2014.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GALVÃO, W. N.; GALOTTI, O. (Orgs.). *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1997.
- GUIMARÃES, H. S. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. São Paulo: Nankin; Edusp, 2004.
- KITTLER, F. *Discourse Networks, 1800/1900*. Tradução de Michael Metteer e Chris Cullens. Califórnia: Stanford University Press, 1990.
- MELO, J. M. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MULLER, A.; FELINTO, E. Medialidade: encontro entre os estudos literários e os estudos de mídia. *Contracampo*, Niterói, n. 19, 2008.
- PAMPLONA, A. G. G. *A consagração periódica de José Veríssimo (1877-1884)*. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.
- PARIKKA, J. Postscript: Of Disappearances and the Ontology of Media (Studies). In: IKONIADOU, E.; WILSON, S. (Orgs.). *Media After Kittler*. Londres; Nova Iorque: Rowman & Littlefield, 2015. p. 177-189.
- PEREIRA, M. R. José Veríssimo: literatura e cânone. Curitiba, *Diálogo e Interação*, v. 1, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/viFnMv>>. Acesso em: 24 jul. 2017.
- RESENDE, B. (Org.). *O subterrâneo do Morro do Castelo: um folhetim de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Dantes, 1997.
- _____. Sonhos e mágoas de um povo. In: RESENDE, B.; VALENÇA, R. (Orgs.). *Toda crônica: vol. I (1890-1919)*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p. 9-23.
- ROMERO, S. *Zéverissimações ineptas da crítica: repulsas e desabafos*. Porto: Oficinas do Comércio do Porto, 1909. Disponível em: <<https://goo.gl/TfDjLr>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SCHWARCZ, L. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SODRÉ, N. W. *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. atual. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

- SOUZA, R. A. de. *Variações sobre o mesmo tema: ensaios de crítica, história e teoria literárias*. Chapecó: Argos, 2015.
- VENTURA, R.; CARVALHO, M. C.; SANTANA, J. C. B. (Orgs.). *Euclides da Cunha: esboço biográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VERÍSSIMO, J. Brasileirismos. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1913.
- _____. Últimos estudos de literatura brasileira: 7ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979.
- _____. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 7. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- _____. *A educação nacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2013.

Artigo recebido em 11 de maio de 2017 e aprovado em 17 de julho de 2017.